



5187 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Gênero, Quilombo, Raça e Geração: interfaces do cotidiano de mulheres quilombolas de Barrinha, Bom Jesus da Lapa, Bahia
Kleide Iraci Marques Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

GÊNERO, QUILOMBO, RAÇA e GERAÇÃO: interfaces do cotidiano de mulheres quilombolas de Barrinha, Bom Jesus da Lapa - BA

RESUMO: O texto apresenta pesquisa em andamento que se faz a partir da intersecção dos estudos sobre Gênero, Quilombo, Geração e Raça, buscando compreender como as mulheres produzem suas relações de gênero, no que tange ao trabalho, considerando as mudanças e permanências de uma geração para outra. Os objetivos propostos pelo estudo tomam por base a problematização a partir de pesquisas sobre mulheres quilombolas e relações de gênero. A perspectiva teórico-metodológica se embasa no feminismo negro. Os procedimentos metodológicos partem da abordagem qualitativa, método etnográfico com as técnicas: observação participante e a entrevista narrativa. A análise de conteúdo será a metodologia para o tratamento dos dados. Espera-se que este estudo evidencie novas formas de atuação feminina, contribuindo com o campo de estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Quilombo. Geração. Raça.

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre as relações de gênero no quilombo Barrinha se situa na interseção das categorias Gênero, Quilombo, Geração e Raça, com o objetivo de compreender como as mulheres quilombolas produzem suas relações de gênero, considerando as mudanças e permanências ocorridas no trabalho feminino de uma geração para outra.

Entretanto, neste texto focaremos os aspectos da identidade das mulheres quilombolas de Barrinha: mulher, negra e quilombola, considerando a análise parcial do trabalho de campo.

O contexto de onde surge a discussão é o quilombo de Barrinha, Bom Jesus da Lapa-Bahia, lugar que não diz respeito apenas a uma localização geográfica de uma comunidade, mas se define por meio da vida que ali é produzida, bem como pela ancestralidade.

O lugar de fala é construído a partir do envolvimento da pesquisadora com as questões quilombolas num curso de formação de professores^[1], bem como do trabalho realizado na ATEs^[2]. Este propiciou observar como os homens participavam das questões políticas da associação, enquanto as mulheres faziam trabalhos domésticos.

Contudo, há que se considerar outras experiências como a das mulheres em foco, que ocupam cada vez mais espaços que antes eram demarcados por homens. Imergir nesse contexto significa apreender a memória coletiva, para compreender os fenômenos que emergem das relações de gênero.

Assim, esta pesquisa pode ser valiosa, considerando a escassez de estudos que contemplem em seu conjunto, gênero, raça, geração e quilombo.

2 MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA.

Refletir sobre o ser mulher, negra e quilombola nos dias de hoje é reconhecer um apêndice das discussões que traz o feminismo negro - perspectiva teórico-metodológica que se ancora no conceito de interseccionalidade.

Conforme Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade é um conceito que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas a mulheres como, raça, etnia, classe, entre outras.

Ao questionar as bases que constroem a relação de gênero na comunidade, incluindo o que é ser negra e quilombola nos dias de hoje, as respostas foram variadas, dependendo da forma como cada um desses sujeitos é marcado na sua subjetivamente.

A primeira me responde que *é muito difícil...o povo fala de igualdade de direito, igualdade de gênero, muitos fala que mudou muito. Vou dar um exemplo da minha própria barraca, quando foi pra mim conquistar aquele espaço recebi até ameaça de morte. Continua: pensei assim, se você tá ai usufruindo do espaço público do governo federal, porque que eu também não posso. Vieram em cima de mim, Marinha me filmando. Continua incisiva: Aprendi a fazer enfrentamento.*

Ninguém me engana, não. Tenho orgulho de ser quilombola. Tenho orgulho da minha cor. Antes eu entrava numa loja e ficava com vergonha da minha condição. Não. Espaço público é nosso. Enfrento, entro e saio onde quero.

Para a segunda entrevistada, *antigamente era mais difícil ser mulher. Mulher não podia fazer isso, mulher não podia fazer aquilo. Mas agora... meu marido mesmo na lancha sempre leva uma das meninas pra ajudar ele.* Em relação ao ser quilombola, o que aparece é o aspecto negativo. *É difícil porque tem muito preconceito com quilombola. Aqui mesmo na associação tem uns que tão lá por interesse, mas fala: qui lom bo la (imitando quem desdenhou), só porque tem uma corzinha fala de quilombola”.*

A presença das meninas na lancha indicam a inserção no mundo do trabalho. Inclusive elas são condutoras de lancha no trabalho da SAMU. Vemos ainda por meio da citação acima que as relações na comunidade não se estabelecem sem conflito. Certa feita, uma das lideranças local disse que havia resistência de alguns em aceitar ser quilombola. Que a luta maior das lideranças é essa.

A terceira entrevistada disse: *é difícil porque tem hora que o povo é racista com os negro. Acha que o branco é melhor que os preto. Eu não sofri racismo. Vejo os outro comentando. A televisão mostra.*

A negação não significa necessariamente que ela não tenha sofrido racismo. Isso o prolongamento em campo revelará. Percebe-se que a sua subjetividade é, de alguma forma, marcada pelo preconceito, pois um pesado silêncio seguiu sua fala, despertando a atenção para o que ficou às margens: o ser mulher e o ser quilombola. Quem sabe esse ocultamento seja o efeito daquilo que Gonzalez (1984) - em sua análise sobre democracia racial - denomina de neurose cultural brasileira?

Para Crenshaw, já citada, a dificuldade de identificar um problema discriminatório interseccional consiste na conjuntura das forças econômicas, culturais e sociais que silenciosamente moldam o pano de fundo de outros sistemas de subordinação das mulheres.

Mais à frente a informante fala sobre o trabalho, onde disse que assume as responsabilidades domésticas e, quando precisa, tem ajuda de dois filhos que ainda moram com ela e às vezes do marido, assim como ela o ajuda na construção de barco, cortando estopa.

Para outro sujeito ainda, ser mulher, negra e quilombola é uma resposta difícil. *“Vejo muito problema. Mas hoje em dia acho que isso vem mudando. Temos mais direito, estamos sendo mais ouvidas. Tem mais leis que defende o negro, o quilombola”.* Continua: *“Antes era muito mais difícil, mas ainda tem problema. Muito preconceito não tanto por ser quilombola, mas por ser mulher negra”.* Revela sua experiência ao entrar num comércio: *“Tem várias áreas profissionais... aqui mesmo você entra numa loja, você é seguido o tempo todo pelos vendedores. Meu esposo foi na rua, não sabe se foi porque tava com uma blusa de Bob Marley ou foi pela questão de ser negro...Revela que o marido foi seguido pelos guarda o tempo todo. Para ela, ao entrar num estabelecimento sente muito vigiada, mas vê que isso já evoluiu muito: “conseguimos muitas conquistas, não sei se é porque a gente tá exigindo mais, aprendendo mais”.*

A quarta entrevistada responde: *“ sinto orgulho. Não tenho vergonha da minha cor. Sou declarada negra e sou quilombola. Moro nessa comunidade, gosto, não pretendo sair daqui”.* Diz não encontrar problema: *“Pra mim nunca tive impedimento assim por ser mulher. Só aquele olhar assim...fiz curso de armador de ferragens. Era 29 homens e uma mulher, eu. No curso da Marinha era 29 homens também e eu sozinha de mulher”.* Conta que no curso de armador ela ia pegar um balde de água, um saco de cimento e era impedida pelos homens que falavam: *“ ah, mulher não pode pegar água. Eles ficava com preocupação por eu ser mulher e eles tinha muito cuidado. Falei: e se eu trabalhar nisso... tenho que fazer e vocês não deixa”.*

Vemos na busca desse curso uma situação de agência que busca romper barreiras culturais e de gênero.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se realiza por meio da abordagem qualitativa. Denzim e Lincoln (2006), apontam para uma pluralidade de tendências que se recolhem sob a denominação de qualitativo. Diferentes tipos de orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como norteadas pela pesquisa qualitativa.

Para esses autores, esta abordagem leva em conta uma multiplicidade de métodos, fazendo uso de materiais empíricos que apresentam sentidos e situações da vida diária dos sujeitos.

Optamos pela etnografia por essa ser “uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros que podem ser chamados de comunidade ou sociedades[...]” (ANGROSINO, 2009, p 16). Para esse autor, o modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é sua cultura e esta envolve um estudo dos comportamentos, costumes e crenças apreendidos e compartilhados em grupo. Buscamos assim, uma etnografia que nos faculte encontrar os modos de significação tais que: “(...) pesquisadores/as feministas buscam uma forma de etnografia que permita a empatia, a subjetividade e o diálogo a fim de explorar melhor os mundos interiores das mulheres, até o ponto de ajuda-las a expressar (...) sua opressão. (ANGROSINO, 2009, p. 23)”.

Destarte, a pesquisa privilegia técnicas como entrevistas narrativas, trazendo a memória como estratégia de registros, observação participante, além de pesquisa documental que, no conjunto, reúnem um *corpus* de informação para ser analisado por meio do conteúdo temático.

A análise de conteúdo temático se dá separando os temas e buscando os núcleos de sentido à medida que são articulados aos objetivos do estudo (MYNAIO, 1994), abrange também a pré-análise, definindo as categorias e subcategorias. Depois realizaremos o tratamento dos resultados por meio do conteúdo manifesto. Por fim, faremos a interpretação dos dados para depois submetê-los ao cruzamento.

4 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Os sujeitos da pesquisa são, prioritariamente, mulheres quilombolas da comunidade de Barrinha, Bom Jesus da Lapa, com idade que varia de 25 a 35 anos de idade, corte etário dos sujeitos que são esposas e mães e que têm ou não ocupação fora de casa, bem como mulheres mais velhas que são mães das anteriormente citadas.

A construção de gênero não envolve apenas mulheres por isso elegemos também os esposos das mulheres acima referidas.

O estudo vem apontando que a escassez de trabalho faz com que as mulheres aproveitem as oportunidades que vão aparecendo e assim ocupam cada vez mais espaço de trabalho que sempre foram ocupados por homens, a saber: construção civil (pedreiro), armador de ferragens e a pescaria. Elas também são donas de casa e têm uma representatividade de mais de 70% na associação quilombola, cujo corpo diretor é formado apenas por mulheres. São protagonistas também na luta pela terra.

Destaca-se ainda que a afirmação da identidade é uma construção que se põe à prova a cada nova situação de preconceito.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009;

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, 1/2002;

DENZIN, Norman & LINCOLN, Yvonna. **Introdução**: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006;

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984, p 223-244.

[1] O referido curso partiu da iniciativa dos professores da comunidade de Mangal/ Barro Vermelho (Sítio do Mato - BA) que buscaram a parceria da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DCHT/Campus XVII para capacitar professoras e, posteriormente abarcou outra comunidade quilombola Araçá/Cariacá (Bom Jesus da Lapa -BA).

[2] Assistência Técnica social e Ambiental, do INCRA, trabalho de equipe multidisciplinar que prestava assistência técnica em áreas de quilombos.